A UNIÃO
VENTUROSA.

RPJCB

A
UNIÃO VENTUROSA.
DRAMA COM MUSICA
PARA SE REPRESENTAR NO REAL THEATRO

DO

RIO DE JANEIRO

NO

FAUSTISSIMO DIA DOS ANNOS

DE

SUA ALTEZA REAL

O

PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR

OFFERECIDO

POR

ANTONIO BRESSANE LEITE.

NA IMPRESSÃO REGIA.
1811.
Com Licença de S. A. R.

ACTORES.

America	*Joaquina Lapinha*
Genio Lusitano	*Maria Candida*
Genio Americano	*Francisca de Assis*
Tempo	*Antonio Ferreira da Silva*
1.º Capo do Coro	*Luiz Ignacio* — ambos musicos da Capella de S. A. R.
2.º Capo do Coro	*Gerardo Igácio* — ambos musicos da Capella de S. A. R.
Coro de Americanos	

Americanos que acompanhão a America, e que não fallão.

MUTAÇÕES DAS SCENAS.

1.a *Vista de montanhas, planicie com bosque.*
2.a *Templo da Memoria.*

As Scenas, máquinas, decoração, e modelos dos vestuarios he tudo da invenção de *Manoel da Costa*, Pintor, e Architecto do mesmo Theatro.

O Vestuario he de *João Correa*, Alfaiate do dito.

A Musica he de *Fortunato Maziotti*, Compozitor da Camera, e Capella do PRINCIPE REGENTE N. S.

Author do Drama, *Antonio Bressane Leite.*

RPJCB

AO

PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR.

DEDICATORIA.

EU seu Luso, Senhor, leal quaes forão
Meus honrados Avós, guardo no peito
O puro amor, e fé, que elles jurárão,
E que eu jurei tambem ao Luso Solio.
No mesmo berço, em que elles me embaldrão,
Por illustres virtudes bafejado,
Desvelado embalei meus filhos charos:
E apenas divisei seus tenros braços
Capazes de brandir a nobre espada,
Ufano os conduzi de Marte ao campo,
Onde á frente das filas Lusitanas,
Tocando as Quinas, empunhando o ferro,
Com os olhos no Ceo, ao Ceo jurárão
Constantes dar a vida, dar o Sangue
A' chara Patria, ao Rei, e ao Ser Superno.
Oxalá que o seu sangue o preço fosse
Da victoria, com que os Ceos enchessem
De Padrões immortaes o vosso Imperio.
Em quanto ternos ais Lysia saudosa,
Despida de seu fausto, aos Ceos mandava.
E sobre ferreo throno o vil engano
De leis cruentas lhe manchava os lares;
Em quanto os charos Lusos desarmados,
Ao som dos duros ferros, que arrastavão
Juravão sobre as aras da Constancia

Dar a vida por Vós, salvar a Patria;
Eu sempre proclamei, por via occulta,
Vedada aos olhos dos cruies tyrannos.
De mostrar não perdia hum só momento
O sagrado dever d'hum Luso honrado:
The que raiou nos nossos horizontes
O dia dezejado, e de mais gloria,
Que tem enobrecido os Lusos fastos.
Heroes Britannos, que escolheo Mavorte,
Modelos de valor, e de amizade
Nossas duras cadeias despedação.
Sobre as torres de Lysia libertada
Com que gloria tremulão as sacras Quinas!
Sobre as azas de amor enchia os ares
O vosso Nome em turbilhões de vivas;
Então eu fiz subir á Lusa scena,
Em nobres cantos, gratos elogios
A' bravura das tres Nações unidas.
Hoje, Senhor, que o meu feliz Destino
Me arrojou venturoso ás plantas vossas,
E que he chegado o Dia, o grande Dia,
Em que por nosso bem baixaste ao mundo,
Por lei do meu amor teci o Drama,
Que humilde vos off'reço: a minha Musa
De todo me deixou, mal vio a empreza

De pertender cantar tão alto assumpto,
Que só o louro Deos cantar devêra:
Roubou-me o estro, natureza, e arte
Só me deixou o amor, que he quem me inspira
A mão benigna de varão Illustre,
Honrado, e sabio, que vos ama tanto,
Que dirige, e regula o fausto augusto,
Com que Zeloso abrilhantaes as Aras,
Donde sobem os puros sacrificios,
Com vossos votos, a entrar no seio
Do Grande Rei dos Reis, que impéra em tudo;
Foi quem a fronte me c'roou de glorias,
Quando, Senhor, de Vós obteve a graça
De eu poder elevar meu pobre Drama,
Rasteiro, e pobre em tudo, ás plantas vossas.
Nelle quero, Senhor, mostrar ao mundo
Quanto os vassallos vossos vos adorão.
Nas puras aras do Amor mais puro,
Quanto Vós os amais terno, e benigno;
Que vos amão leaes, porque são gratos;
Que vós os adoraes, porque sois Justo.
Se o Ceo me conceder, que hum só momento
Vos agrade, Senhor; dê a ventura
Quanto dar póde a seus adoradores,
Que eu mais não quero para ser ditoso.

ACTO UNICO.

SCENA PRIMEIRA.

Vista de montanhas, pelas quaes vem descendo os Americanos em admirações dos prodigios, que observão; e ao som do retornelo dão volta ao Theatro, que representa huma vasta campina: Coro concertante com as duas principaes pessoas do dito Coro.

CORO.

DIzei-nos, oh Ceos, que Nume,
Para vencer nosso Fado
Deixando o Solio estrellado
Vem entre nós habitar.

1.° *Capo* No terno canto
Da turba alada,
2°. *Capo* Nos doces risos
Da madrugada,
Os dous Meiga alegria
Tão almo dia
Vem bafejar.

CORO.

Dizei-nos, oh Ceos, que Nume,
Para vencer nosso Fado,
Deixando o Solio estrellado
Vem entre nós habitar.

1.° *Capo* Em novos quadros,
2.° *Capo* Rindo a natura,
Os dous { Nossa ventura
Nos vem mostrar.

CORO.

Dizei-nos, oh Ceos, que Nume,
Para vencer nosso Fado,
Deixando o Solio estrellado
Vem entre nós habitar.

Descem os dous Genios em hum grupo de nuvens, e cantão o seguinte:

DUETO.

Genio Lusit. O Tempo, que os bronzes còme
Genio Americ. De quem quanto existe pende
Ambos { A cadeia, que nos prende
Já mais poderá quebrar.
Genio Lusit. Oh que união tão ditoza!
Genio Americ. Oh que gloria! Que ventura!
Ambos { Sinto n'um mar de ternura
Meu coração palpitar.

Genio Americano.

Mensageiro, do Deos, que os bons premeia
Baixamos sobre vós, Póvos ditosos.
Eu sou o Sacro Genio, a quem foi dada
A gloria de reger vossos Destinos.
Sim, Póvos do Brazil, vós que n'outra'ora,
A cerviz inclinando á negras aras,
Só cumprieis as leis, que vos ditavão
Do Barathro horrendo as igneas Furias;
Que apar das feras por incultas brenhas
(Menos feras que vós) em sangue humano
Tingieis da Ignorancia os grilhões duros,
Em quanto polos cumes de altas serras
Não vistes tremular as Lusas Quinas;
E por Lusos Heróes, que eternos vivem
Da Memoria immortal no Templo eterno

Em honra ao Ceo, ao Rei, e á Fé sagrada
Calcando p'rigos, afrontado a morte,
Vencendo de Neptuno á furia brava,
Nos vossos lares, venturosos lares
Derão ao Grande Deos cultos sagrados.
Sabei, ó Póvos, com que gloria o digo!
Que por lei, que firmára a mão do Eterno,
Na gloria, que gozaes sois mais ditozos,
De quantos hoje habitão o vasto globo.
Sois de tanta ventura devedores
Ao Genio Tutelar do Luso Imperio.

Genio Lusitano.

Amados Lusos meus, tão alto Nome
Hoje vos manda dar o Ceo Sagrado:
Eis o premio do amor, com que nos braços
Constantes sustentaes o Augusto Throno
Do Invicto JOÃO, o Terno, o Justo.
Tanto deveis ao Genio, que no berço
Em suaves chuveiros copiosos
Vos influíra ufano o amor mais puro
A' Patria, ao Throno, á Lei, e ao Deos Eterno.
As Sciencias, e as Artes, que em vós mórão
Tem enchido de pasmo o mundo inteiro.
Na Athenas Lusitana vossos nomes
Em eternos Padrões estão gravados.
Vosso valor nos campos de Mavorte
Cr'oado se acha de immorchaveis louros.
Cumpre a grandes virtudes, grande premio:
O Ceo vos premiou, o Ceo he justo.
O Grande Rei dos Reis, que os Reis exalta,
Que abate Sceptros, e que eleva Thronos,
Esgota os Cofres do Poder immenso,
Do refulgente Solio vos envia
Nas azas niveas d'hum sorrizo brando
O PRINCIPE, que rege o Luso Imperio,
O PRINCIPE melhor, que ha tido o mundo.

TODOS.

Que premio! Que ventura! Que Sob'rano!

Genio Americano.

O Tito Lusitano, que separa
O instante infeliz dos que respira,
Em que com mão piedosa não arranca
Das garras da indigencia hum desgraçado;
O nosso charo amor, JOÃO excelso
Neste Dia feliz, que o Ceo bafeja
Em que os olhos abrio á luz do dia,
Attento ao nosso bem ao Empyrio manda
Amantes preces, que o Amor lhe inspira.
Em rectos turbilhões os astros cortão,
Rompem os espaços, pelo Ceo se entranhão,
Eis chegão ao Coração do Nume Eterno,
Que do Solio estrellado ufano ordena;
Que ao Imperio, que a Affonço fôra dado,
Que em tempo algum jámais será vencido,
Se una de huma vez em laço estreito
Da America feliz o Imperio novo;
Que os dous Imperios sejão hum só Imperio,
Que os dous Genios se unão n'um só Genio,
Que hum só laurel lhe adorne as altas frontes.

TODOS.

Oh que união feliz! Oh que ventura!

Genio Lusitano.

Em quanto sobre as azas refulgentes
De amorosas canções, de ternos Hymnos
Pômos os corações agradecidos;
Digamos com a fé mais excessiva
O PRINCIPE REGENTE

TODOS.

Viva, viva.

Ao som do retornelo faz o Coro duas alas no meio do Theatro, ficando os dous Genios na frente, que com mãos, e rostos levantados ao Ceo cantão o seguinte

HYMNO.

Concertante com o Coro.

ADUO.

Recebei, ó Sacro Nume,
Votos de amor, e amizade:
Conservai-nos por piedade:
Dos bons Reis, o Rei melhor.

Como os Vassallos o amão
Ama os Vassallos, que rege:
Piedoso Nume, protege
Hum PRINCIPE todo amor.

CORO.

Conservai-nos por piedade
O PRINCIPE, o nosso amor.

ADUO.

Os degráos do Luso Throno,
Por virtudes sustentado,
Beije o monstro agrilhoado,
Que he do mundo usurpador.

CORO.

Conservai-nos por piedade
O PRINCIPE, o nosso amor.

SCENA II.

Sahe a America em hum carro magestoso puchado por Americanos; o Coro, e os Genios a vão receber, e descendo do carro, diz

America.

A Ninguem mais do que eu, Genios Divinos,
Pertence a alta gloria deste Dia,
Dia, que o Deos immenso consagrára
Ao maior dos mortaes, ao nosso Augusto,
Para nelle unir meu vasto Imperio
Em laços ternos ao Imperio Luso.
Quanto aos Lusos Heroes sou devedora,
Que sem temer a morte, em frageis lenhos;
Por mares até alli jámais trilhados,
Tocando o abysmo, topetando os astros,
Arrostando o furor de impias procellas,
Sem pavor os meus lares penetrando,
Ao facho acezo da Razão Divina
Das trévas da ignorancia me arrancárão!
Quanto sou devedora aos Reis Augustos,
Que com mão magestosa abrilhantárão
A Regia C'roa, que me adorna a fronte!
Quanto devo a JOÃO, ao digno Neto
De tão altos Avós, Heróe quaes elles!
A cada instante as vestes me enriquece,
As magnas vestes, que vaidosa estendo
Por meus vastos limites, que resistem
Ao choque horrendo de empolados mares.
Que gloria! Filhos meus, já somos Lusos.

Cumpre-nos defender o Luso Solio:
Eu á frente de vós marcho vaidosa,
No peito levo o amor, no braço o alfange.
Ou vencer, ou morrer; Filhos amados,
Sem brio, sem valor a vida he nada.
Baqueie de huma vez no Averno horrendo
O monstro enganador, que assola o mundo.

A R I A.

Concertante.

Ao Campo, Filhos, ás armas,
O Clarim nos chama á gloria:
Prezo ao carro da victoria
Morda os grilhões o traidor.

Defendei, ó Sacro Nume,
Deos Potente, defendei
O nosso adorado Rei,
O nosso amado Senhor.

Caia por terra o perfido
Exangue o monstro estale,
Seja o ai final que exhale
Troféo do Luso valor.

C O R O.

Defendei, ó Sacro Nume,
O nosso amado Senhor.

America.

Caia por terra o perfido
Exangue o monstro estale,
Seja o ai final, que exhale
Troféo do Luso valor.

Genio Lusitano.

Attento a tanto amor, virtudes tantas,
Que com gloria do Ceo, prazer do mundo
Fervem nas vossas almas venturosas;
Pelo poder da minha Divindade
Quero mostrar-vos da Memoria o Templo.

SCENA III.

Sahe o Tempo.

America.

MAS que Genio fatal de aspecto feio
Para nós se encaminha! eu gelo, e tremo!

Tempo.

America feliz, Genios Sagrados,
Vós Povo o mais feliz, de quantos rendem
Infallivel tributo ao meu Imperio:
Sabei que o Tempo eu sou, que aos feros golpes
De meu ferro fatal ninguem resiste,
Que do Cedro robusto a côma abato,
Que levo ás nuvens o mimoso arbusto,
Que altas serras reduzo a fundos valles,
Que das planicies fórmo erguidos montes,
Que os colossos, pyramides, os muros,
Os templos, obeliscos; tudo, tudo
De huma vez acabei, deixando apenas
A memoria aos mortaes, de que existirão.
Hoje por lei do Ceo, oh lei! oh gloria!
Paro (o que nunca fiz) no veloz giro,
E cheio de prazer, nadando em glorias
Venho a cumprir a lei do Ceo Supremo.
Curvado com o pezo das virtudes

Geradas de JOÃO no terno peito;
Neste Dia maior dos dias todos,
Que ao seu feliz Natal he consagrado,
Ufano as coloquei no Eterno Templo.
Semi-Deozes, e Heróes vem recebellas,
Pasmão os Grandes Avós, os Heróes pasmão,
E n'hum mar de alegria, arfando em glorias,
Alçando as mãos ao Ceo; ternos inundão
Do pranto mais gostoso as cans honradas:
Tendo-lhes tributado incensos puros,
Vão com ellas em mil festões pendentes
Adornar-lhe o Espaldar do Ethereo Solio.
Cumprida a lei está, aos pés do Augusto
Já os grilhões quebrei, grilhões, qu' atavão
Seus Imperios ao meu terrivel carro,
Que unidos hoje nos mais doces laços,
Livres do meu furor, já são eternos.
Gozai em doce paz as altas glorias
Do Dia dado ao Semi-Deos dos Lusos,
Com que do Empireo a mão do Omnipotente
Adorna as vossas frontes venturosas.
Desta sorte premeia o Ser Supremo
Os vassallos modelo dos vassallos
O PRINCIPE, que he dos Reis modelo.
Esse monstro, a quem nutre sangue humano,
Que só á vil traição levanta altares,
Que unido ás furias do Averno horrendo
Quer afogar em sangue o vasto Globo;
Esse gigante enorme, que parece
Quer escalar o Ceo, calcar os astros;
Vosso escravo será, de JOÃO Invicto
O carro hade puchar, baixando a fronte
De venenosas serpes coroada:
The que aos golpes de meu tremendo ferro
Caia o Tyranno sobre o Orco escuro,
E o nome do cruel seja lançado
Sobre as aras fataes do esquecimento.
Gozai a doce paz á fresca sombra

Das virtudes, que o Solio lhe sustentão.
Eu me aparto de vós, cortando os ares
Vou meu giro formar de estragos cheio.
Porém que sinto oh Ceos! Que mão Divina
Me prende as azas, e me tolhe o vôo!
Tres vezes me equilibro, mas tres vezes
As froxas azas sacudir não posso!
Que será, justo Ceo!..., mas já comprehendo
Ampleia a lei o Deos, que a lei dictára;
Manda o Supremo Ser, que neste Dia
Não se escute gemer hum desgraçado,
Que hoje o mundo todo em paz repouse
Sem soffrer do meu jugo o pezo enorme.

America.

Vamos, ó Filhos meus, em ternos hymnos
Seu Nome colocar além dos astros.

SCENA ULTIMA.

Templo da Memoria ornado de estatuas de Heroes, e no fundo hum erguido Throno sustentado pelas Virtudes, no qual se verá o retrato do PRINCIPE, que sustentão a Fé, e o Amor: dous Genios em hum grupo mais elevado segurão hum laurel, que corôa o retrato; todo o Throno, e os ditos ornatos hão de ser transparentes, e illuminados: esta mutação se fará ao som de huma estrepitosa Synfonia, que acompanhará o Coro seguinte.

CORO.

AH! quantas glorias
O Empireo encerra,
Hoje na terra
Vemos brilhar.

Genio Lusitano.

Este o Templo immortal, que habitão Numes,
Onde o Grande JOÃO tem Throno Eterno.

Genio Americano.

Quanto aos Ethereos Lares se assemelha!

Tempo.

Sobre as aras do Amor, e da Ternura
Já a fouce me cahe da mão rugosa.
Oh Virtudes! Oh Deos! Oh Lei! Oh gloria!
Vamos, Povo feliz, de puros votos
Adornar-lhe os degráos do Throno excelso.

America.

Que gloria! Que prazer! Vamos, ó Filhos,
Tributar-lhe odoriferos perfumes,
E ſobre as azas de canções ſonoras
Render-lhe os corações de amor nutridos.

Marchão o Tempo, os Genios, e a America de mãos dadas, seguidos do Povo em duas alas, tudo ao som de Synfonia, e depois de se prostrarem junto ao Throno, canta a America com os dous Genios o seguinte

TERCETO.

America. Soberba penso ser Nume,
Mal que tocão os labios meus
O Throno do Semi-Deos
Nosso Augusto Tutelar.

Meu coração,
N'um doce effeito,
Sinto no peito
A palpitar.

Genio Lusit. A gloria, que me enche a alma
Eu não a posso explicar.
Genio Americ. Em extasis amorozos
Me sinto ao Ceo elevar.

Os Tres.
Meu coração
N'um doce effeito
Sinto no peito
A palpitar.

Genio Lusit. Oh que gloria! oh que prazer!
Genio Americ. Que terno bem! Que ventura!
America. Doce pranto de ternura
Vem minhas faces banhar.

Os Tres.
Meu coração
N'um doce effeito
Sinto no peito
A palpitar.

Tempo.

Nas vossas glorias, que me tocão tanto
Gritemos, Lusos meus, as nossas vozes
Retumbem nas abobadas Celestes;
Viva o mimo do Ceo, que o Ceo bafeja,
De quem a nossa gloria se deriva,
Viva o PRINCIPE excelso.

TODOS.
Viva, Viva.

CORO ULTIMO.

Viva, viva o nosso Augusto
Goze do Ceo os thesouros,
Repouse á sombra dos louros
Nos ternos braços da Paz.

Os dous Capos.

Para ser, oh Ceos! Eterno,
Isento da morte infida
Conte os instantes de vida
Pelos ditosos, que faz.

C o r o.

Viva, viva o nosso Augusto
Goze do Ceo os thesouros,
Repouse á sombra dos louros
Nos ternos braços da Paz.

F I M.

C.811
L553u

17-170